

ESCAVAÇÕES ARQUEOLÓGICAS NO MUNICÍPIO DE BOM JESUS, RS

*Pedro Augusto Mentz Ribeiro (Coordenador)**

*Ana Lucia Herberts**

*Angela Berenice Diehl**

*Sirlei Hoeltz***

*Joaquim Jorge Silveira Buchaim***

*Catharina Torrano Ribeiro**

RESUMO: As coordenadas onde se desenvolveram as pesquisas estão entre 49°50' e 50°40' de longitude oeste de Greenwich e dos 28°30' aos 28°50' de latitude sul. Climatologicamente, a região pertence ao clima temperado, com geadas e nevadas no inverno. A vegetação é de campos limpos e mata de *Araucaria angustifolia*. Realizamos coletas superficiais sistemáticas nos sítios de campo aberto e no abrigo sob rocha. Nas quatro casas subterrâneas, que formam um conjunto, foram praticados cortes experimentais em três destas casas e outra totalmente escavada. Entre as principais conclusões destacáramos: a) estarmos diante da fase Guatambu, porém, em um período mais recente desta ; b) uma idade estimativa de nossos sítios, particularmente das casas subterrâneas, ao redor dos 600 - 700 anos A.P.; c) evidências de contato entre as Tradições Taquara e Tupiguarani, ignorado a maneira como este se processou.

Descrição e histórico da região e da pesquisa

Bom Jesus e São José dos Ausentes são municípios situados no extremo nordeste do RS.

A região fisiográfica é a dos Campos de Cima da Serra. As coordenadas, para a área pesquisada, estão entre os 49°50' e os 50°40' de longitude oeste de Greenwich e entre 28°30' aos 28°50' de latitude sul (Fig. 1).

Os sítios arqueológicos encontrados pertencem à bacia dos rios

* Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas (CEPA) da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC).

** Mestrandos - História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre.

Pelotas e Antas, formadores, respectivamente, dos rios Uruguai e Taquari.

Geologicamente a região pertence à Formação Serra Geral: lavas basálticas, diques e sills de diabásio associados (CARRARO e outros, 1974).

O clima é temperado; as geadas e nevasdas são freqüentes no inverno. A média das máximas oscila entre 20° e 22°C e das mínimas de 8° a 12°C. A pluviosidade é de 1750 a 2000mm anuais.

Altimetricamente a região oscila de 800 a 1378m acima do nível do mar.

A vegetação, em traços gerais, seria a de “campos limpos, pradarias densas nas alturas meridionais do Brasil. Mata de *Araucaria angustifolia*” (HUECK, 1972).

Os dados etnohistóricos nos indicam que os primitivos habitantes da região teriam sido os guainá ou coroados ou kaingáng ou, ainda, botocudo (grande grupo gê).

Os campos de Bom Jesus fizeram parte da “Bacaria de los Pinãres”, onde, por volta de 1709, os índios missionários introduziram mais de 80.000 cabeças de gado bovino. Isto serviu de chamariz para os lagunistas e paulistas, que logo começaram a explorar esta riqueza. Só em 1879 teve início a fundação da atual cidade de Bom Jesus.

Os índios foram, sem dúvida, dizimados pelos bandeirantes e combatidos pelos índios (tupi-guarani) das Missões. Apesar disto é ainda forte a tradição da existência de índios na região pelos fins do século passado (LAZZAROTTO, 1971, p.80).

Os primeiros pesquisadores que estiveram na região foram Eurico Miller (MILLER, 1971) e Danilo Lazzarotto (LAZZAROTTO, 1971).

Atendendo a um convite da Secretaria de Educação e Cultura do Município de Bom Jesus, a equipe do Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas da Universidade de Santa Cruz do Sul, esteve realizando pesquisas naquele município e no de São José dos Ausentes, por cinco oportunidades: entre abril de 1991 e outubro de 1992, totalizando 28 dias de trabalho de campo.

Foram registrados, então, quatro (4) sítios de campo aberto, doze (12) casas subterrâneas, um abrigo sob rocha e uma caverna.

Técnica da pesquisa

As atividades de campo resumiram-se em coletas superficiais sistemáticas em 4 sítios cerâmicos de campo aberto e em um abrigo sob rocha, localização de uma caverna e 7 conjuntos de casas subterrâneas (cinco conjuntos com uma casa, um conjunto com 3 e outro com 4 casas, totalizando 12 casas subterrâneas).

Nas 4 casas subterrâneas, que formam um conjunto, foram realizados cortes experimentais em 3 destas casas e outra totalmente escavada. A técnica utilizada foi de quadrículas de 2,0 x 2,0m nas 3 casas subterrâneas menores e 3,0 x 3,0m, na maior (uma). A área escavada foi de aproximadamente 42m². A profundidade alcançada nas escavações das casas subterrâneas variou entre 89cm e 135cm. A terra proveniente da escavação foi peneirada em malha de 3,0mm. Foram recolhidas e enviadas 3 amostras de carvão para datação pelo método do C-14, ao Laboratório do Smithsonian Institution, em Washington.

Descrição dos sítios arqueológicos

A altitude dos sítios arqueológicos, em relação ao nível do mar, oscila entre 800 e 1150m. O solo é do tipo basalto pardacento em decomposição com afloramentos rochosos.

Localizam-se, na sua maioria, em locais suavemente ondulados, planos e altos ou junto a elevações. Também estão próximos a vertentes, banhados, lagoas ou sangas.

Foram localizadas 12 *casas subterrâneas*, em 7 locais, assim distribuídas: com uma casa subterrânea, 5 locais; com 3 e 4 casas, um local.

As dimensões das casas subterrâneas, variam entre 4,8m de diâmetro até 16,5 x 17,5m; a maioria está concentrada entre 4,8 e 6,5m. A altura vai de 1,0 a 4,0m, sendo a maioria entre 1,0 e 2,5m.

A área que ocupam os *sítios de campo aberto* encontra-se em torno dos 20m de diâmetro aos 100 x 60m. Estes encontram-se praticamente destruídos devido ao cultivo.

A *caverna* e o *abrigo sob rocha* são de formação basáltica. O solo é pulverulento com cinza e esfoliação da rocha. Na frente de

ambos há uma queda d'água. A boca da caverna é voltada para nordeste e do abrigo para noroeste. As dimensões são 6,0 e 50,0m de largura; 3,5 e mais ou menos 50,0m de profundidade e 3,0 e 2,0m de altura para o abrigo e a caverna, respectivamente.

Foi realizada coleta superficial sistemática, no abrigo sob rocha, recolhendo-se ossos humanos (dentes, maxilar, fêmur, sacro, fíbula, etc.), ossos de animais e um fragmento de cerâmica simples.

Descrição do material

CERÂMICA

Foram estudados 672 fragmentos de cerâmica, todos da Tradição Taquara. Destes, 82 são provenientes de escavações em casas subterrâneas e 590 de coleta superficial sistemática em sítios de campo aberto.

A técnica de manufatura é o modelado. Antiplástico: arenoso. Ocorrem grãos arredondados de areia na superfície, variando o diâmetro entre 0,05 e 0,4mm, predominando entre 0,05 e 0,2mm; estes grãos são de quartzo e calcedônia, alguns triturados (com arestas). Também observa-se grãos de hematita. Não existe relação do tamanho dos grãos com a espessura dos fragmentos.

Textura: frouxa, com tendência a desagregar. A pasta é mal misturada, e em alguns fragmentos a aparência é laminar com fendas e bolhas de ar. Grande parte dos fragmentos encontram-se erodidos, em mau estado de conservação.

Fratura: irregular.

Cor do núcleo: tonalidades pardacentas e pretas. A cor é homogênea em 78% dos fragmentos.

Cozimento: em atmosfera oxidante e incompleta. Há variações de cor e presença de manchas escuras nas superfícies.

Superfície: a cor em ambas as faces é pardacenta com tonalidades (parda, escura e alaranjada). No tratamento da superfície externa obteve-se 64,6% decorados, 30,5% simples (Fig. 3 S) e 4,9% inclassificáveis para casas subterrâneas. Quanto aos sítios de campo aberto, dois apresentam 100,0% de simples; um, 98,0% e o quarto, 80,9% (este último possui 15,8% de inclassificáveis e 3,3% de decorados). Os tipos de decorados são nesta ordem de importância: cestaria impressa (6,6%)

- Fig. 3 L, N, P-R, pinçada (1,2%), ungulada (0,9%) - Fig. 3 M, O, incisa (0,4%), ponteadas - 3 tipos (0,3%), digitungulada (0,1%), impressão de corda (0,1%) e pintado de vermelho na face externa (0,1%). A dureza da cerâmica varia entre 2,0 e 3,0, predominando 2,5 segundo a Escala de Mohs.

Forma: a altura dos vasos varia de 6,5 a 16,0cm. O diâmetro da boca oscila entre 9,0 e 19,0cm, predominando a faixa entre 11,0 e 12,0cm para casas subterrâneas; e 6,0 a 20,0cm, predominando 14,0 e 17,0cm para sítio de campo aberto. A espessura da cerâmica encontra-se entre 0,3 e 1,0cm, predominando a faixa de 0,5 a 0,6cm (49,4%) para casas subterrâneas; 0,3 a 1,4cm, predominância de 0,4 a 0,9cm (92,5%) para sítio de campo aberto. Forma geral dos vasos: simples e inflectida, predominando a primeira. Forma de borda: vertical direta, vertical com reforço externo e introvertida. Os lábios são: arredondados, aplanados e apontados. Forma do bojo: elipsóide vertical e horizontal, semi-esférica e carenada. Forma da base: arredondada e cônica (Fig. 2).

Um caso de fragmento com furo de suspensão, possui 0,5cm de diâmetro.

Encontrou-se na base (1,10m) de uma casa subterrânea, de um conjunto de quatro, um vasilhame da Tradição Tupiguarani. Quanto a confecção ela é acordelada, antiplástico arenoso com grãos de quartzo arredondados, decoração pintada de vermelho sobre branco externamente e forma complexa. A altura do vasilhame é de 16,0cm e o diâmetro da boca de 22,0cm. A espessura varia de 0,6 a 1,0cm. A forma da borda é introvertida carenada e o lábio arredondado. O bojo possui a forma carenada e a base forma cônica. Foram feitas duas radiografias do vasilhame. Ficou constatado, nitidamente, a técnica de confecção do acordelado e, na base, a técnica espiralada.

LÍTICO

Matéria-prima

São seixos (5) e uma plaqueta sem sinais evidentes de trabalho e/ou utilização; a matéria-prima é o basalto pardacento com tonalidades, formas diversas, alguns fragmentados.

Matéria corante

É composta de hematita (37) e limonita (02). Dois fragmentos, coletados em sítio de campo aberto, apresentam finas estrias, de utilização, formando depressões em duas faces opostas. Dimensões: 1,0 x 0,9 x 0,5cm a 4,8 x 3,2 x 1,6cm.

Lítico polido

- *Fragmento de mão-de-pilão* — Basalto colunar cinza; fragmento mesial de forma retangular, apresenta polimento na totalidade da peça. Dimensões: 11,8 x 5,0 x 3,8cm.
- *Fragmento de lâmina de machado* — Basalto pardacento oliva, fragmento de extremidade proximal, forma de um triângulo retângulo - base retilínea e um lado levemente convexo e outro côncavo. Apresenta bom polimento. Dimensões: 3,9 x 3,1 x 2,5cm.
- *Peça de uso desconhecido fragmentada* — Basalto colunar de tonalidade sépia, três fragmentos mesiais. Formas retangulares, com perfis longitudinais retangulares e transversais trapezoidais (02 peças) e triangular (01 peça). Sinais de polimento na totalidade das peças e uma delas com microlascamentos em uma aresta lateral. Dimensões: 6,1 x 2,8 x 1,5cm a 18,7 x 5,8 x 3,6cm Ângulo do bordo ativo: 40° (Fig. 3 G).
- *Fragmento de instrumento* — Basalto pardacento-acinzentado; forma retangular (mão-de-pilão ou lâmina de machado). Perfil longitudinal retangular e transversal elíptico. Fragmento mesial. Dimensões: 4,7 x 8,7 x 5,7cm.

Lítico lascado

- *Talhador* — Classificados segundo os tipos: em ponta, circular, lateral, triangular (Fig. 3 E), em leque, reto (Fig. 3 T), fragmentado, ovóide e semicircular (Fig. 3 A-C). Predominam as formas irregulares dentre outras: ovóide (01), semicircular (01), discoidal (02), triangular (02), quadrado (01), pentagonal (01), elíptico (03), circular (03) e irregular (03). Os perfis irregulares, são os predominantes. Em geral, a camada cortical está presente em menos ou igual a 1/3

da peça em uma ou ambas as faces, quase sempre sobre o bordo de prensão. A matéria-prima utilizada é o basalto vesicular cinza e pardacento, com tonalidades. Os lascamentos são bifaciais e em geral perpendiculares ao eixo longitudinal da peça. Muitas peças apresentam-se maceradas em suas bordas devido a estes lascamentos. Os sinais de utilização estão caracterizados por microlascamentos nos bordos ativos (em 07 peças), sendo que o ângulo deste bordo varia de 50° a 90°. Dimensões: 7,3 x 7,0 x 2,5cm a 16,0 x 12,1 x 8,1cm.

- *Raspador* — Classificados segundo os tipos: atípico, em ponta fragmentado, terminal (Fig. 3 W), semicircular (Fig. 3 D), nucleiforme, triangular, elíptico, fragmentado e um mais freqüente, o lateral (Fig. 3 U). Predominam as formas irregulares dentre outras: ovóide (02), semicircular (03), discoidal (02), triangular (03), pentagonal (01), circular (03), retangular (02) e irregular (07). Os perfis longitudinais mais freqüente são os irregulares; quanto aos transversais são os triangulares. A matéria-prima predominante é basalto vesicular pardacento com tonalidades. Lascamentos geralmente perpendiculares ao eixo longitudinal da peça, em um ou dois bordos (a maioria no primeiro - unifacial e, neste caso, sobre plataforma lisa, plana) e quase sempre macerado devido aos lascamentos. Em uma peça os lascamentos são alternos. Os sinais de utilização mais freqüentes são microlascamentos nos bordos ativos principalmente nos sítios de casas subterrâneas, sendo que, nos sítios de campo aberto, além destes microlascamentos duas peças apresentam arredondamento em alguns pontos de suas bordas. O ângulo do bordo ativo varia de 50° a 90°. A maioria apresenta camada cortical, variando desde menos ou igual a 1/3 até mais que 2/3 da peça. Dimensões: 6,3 x 2,6 x 2,9cm a 13,0 x 11,8 x 6,0cm.
- *Talhador-raspador* — Classificadas apenas três peças conforme os tipos:
 - Elíptico: apresenta forma circular, com perfil longitudinal irregular e transversal paralelogramo. A matéria-prima é basalto de cor pardacento acarminado. É sobre lasca, com lascamentos bifaciais e unifaciais nas bordas. Sinais de uso evidenciado pela presença de microlascamentos na parte distal. A camada cortical está presente em menos de 1/3 da peça. O ângulo do bordo ativo é 50°. Dimensões: 13,6 x 10,8 x 3,2cm (Fig. 3 V).

- Circular: apresenta forma pentagonal, com perfil longitudinal triangular e transversal pentagonal. Basalto pardacento-liláceo. É sobre bloco, com lascamentos bifaciais, de ângulo variando de 70° a 90° e lascamentos unifaciais, os quais encontram-se maceados em suas bordas. A camada cortical está presente em menos de 1/3 da peça. Dimensões: 11,5 x 10,0 x 6,9cm (Fig. 3 F).
- Quadrado: forma e perfil tanto longitudinal como transversal irregulares. Basalto pardacento-roxeado. Sobre lasca, com lascamentos bifaciais nas partes proximal e mesial de uma lateral e unifaciais nas partes distal e mesial. Sinais de uso evidenciado por microlascamentos tanto nas bordas de uma lateral como na parte distal. Não apresenta camada cortical. Ângulo do bordo ativo variando de 40° a 60°. Dimensões: 7,7 x 6,8 x 2,6cm.
- *Peça em confecção* — Apresentam as formas: ovóide (02), trapezoidal (01), irregular (01) e quadrado (02). Os perfis longitudinais e transversais predominantes são irregulares. Basalto pardacento com tonalidades. Lascamentos tanto bifaciais como unifaciais nas diversas partes das peças, sem localização comum a elas. Sinais de uso evidenciado por microlascamentos em três peças, geralmente em sua parte distal. Uma destas peças é fragmentada (ovóide). Camada cortical geralmente presente em menos de 1/3 de cada peça. Ângulo do bordo ativo variando de 60° a 80°. Dimensões: 4,8 x 6,9 x 2,9cm a 15,3 x 9,8 x 5,2cm.
- *Fragmento de implemento* — Duas peças com formas e perfis longitudinais irregulares e transversal semicircular e biconvexo. Basalto vesicular pardacento escuro e roxeado. Lascamentos bifaciais e unifaciais sendo que em uma peça estes lascamentos encontram-se maceados nas bordas. Sem evidências de uso. Camada cortical ausente. Dimensões: 3,5 x 5,7 x 2,5cm a 9,7 x 7,8 x 3,4cm.
- *Núcleo* — São 06 peças em sua maioria, irregulares. Os perfis são na maioria irregulares. Basalto vesicular pardacento, com tonalidades. Lascamentos multidirecionais. Camada cortical em menos de 1/3 de cada peça. Dimensões: 5,5 x 5,0 x 4,4cm a 9,8 x 8,6 x 6,2cm.
- *Lasca utilizada* — São 11 lascas em sua maioria com formas e perfis irregulares. Matéria-prima em sua maioria de basalto sendo apenas duas peças de calcedônia. As cores do basalto variam de pardacento, a sépia e cinza. Evidências de microlascamentos como

senal de utilização. O ângulo do bordo ativo varia de 40° a 80°. Destas lascas, a maioria, foram encontradas em casas subterrâneas, apenas duas em sítio de campo aberto. Camada cortical ou ausente ou em menos de 1/3 de cada lasca. Dimensões: 3,2 x 2,6 x 0,4cm a 15,6 x 7,9 x 4,0cm.

- *Lasca* — No total são 99 lascas com diversas formas sendo mais freqüente as formas irregulares. Em ambos os casos os perfis predominantes são irregulares. A matéria-prima mais freqüente é o basalto pardacento, seguido de lascas de calcedônia e quartzo. Camada cortical ausente, em sua maioria. Dimensões: 1,0 x 0,8 x 0,1cm a 17,2 x 11,2 x 3,6cm.
- *Resíduo* — A matéria-prima em sua maioria é de basalto (66) apenas 05 peças de quartzo, duas de arenito metamorfizado e uma de calcedônia. Dimensões: 1,5 x 0,5 x 0,3cm a 9,5 x 7,9 x 3,5cm.

Lítico utilizado

São utensílios de pedra bruta, isto é, que não sofreram trabalho (transformação preparatória) antes de serem utilizados, possuindo as marcas de utilização.

- *Batedor* — Seixo de basalto alongado, com sinais de utilização em uma das extremidades - picoteamento. Dimensões: 15,3 x 5,0 x 4,7cm (Fig. 3 I).
- *Percutor* — Dois percutores sobre seixo de basalto sendo um fragmentado. Forma aproximada de trapézio com um lado convexo e elipsóide curvo (fragmentado). Os perfis são elipsóides (em ambos os casos). É observado picoteamento, em ambas as peças, numa de suas extremidades, evidenciando sinais de utilização; numa peça o picoteamento é quase circundante, presente em ambas as faces; e noutra, em uma face, no lado convexo. Dimensões: 10,3 x 4,0 x 4,7cm e 6,9 x 4,0 x 2,0cm (fragmentado) - Fig. 3 H.
- *Peça de uso desconhecido* — Sobre pequeno bloco de basalto pardacento de forma irregular. Perfil longitudinal elipsóide curvo e perfil transversal retangular. Sinais de utilização evidenciados por sulcos ou estrias retas, longitudinais em relação a peça e em uma face. Função de afiador. Dimensões: 8,9 x 5,5 x 2,2cm.

MADEIRA

Ponta

Quatro pontas de madeira, provavelmente em nó-de-pinho, cujas dimensões variam de 3,3 x 0,5 x 0,4cm a 8,2 x 1,1 x 0,9cm (Fig. 3 J).

Nó-de-pinho

Nó-de-pinho em estado natural (sem queima), semi-decomposto, com dimensões que variam de 9,0 x 5,1 x 4,4cm a 24,0 x 7,6 x 6,9cm (Fig. 3 K).

OSSO

O material ósseo procedente da coleta superficial no abrigo sob rocha será analisado por especialistas da área. Numa visão superficial identificamos ossos humanos (dentes, maxilar, fêmur, sacro, fíbula, etc.) e de animais.

Comparações e conclusões

A Tradição Taquara tem uma área de dispersão que se estende do rio Paranapanema, divisa dos Estados de São Paulo com o Paraná, até a encosta sul do planalto no Rio Grande do Sul e do Atlântico Norte do Rio Grande do Sul e planalto sul-brasileiro até o rio Paraná na divisa da Argentina com o Paraguai.

Comparando nosso material com as 8 fases da Tradição Taquara registrada para o planalto do Rio Grande do Sul, e com uma fase registrada para o planalto de Santa Catarina observamos o seguinte: 1) Guatambu (MILLER, 1971): difere pela cerâmica com antiplástico fino argiloso e argiloso-arenoso, textura compacta e uniforme e cor do núcleo total ou parcialmente enegrecido. Não temos talhadores unifaciais (choppers) e bifaciais (chopping-tools) alongados e lanceolados. 2) Taquara (MILLER, 1967 e 1969; MENTZ RIBEIRO, 1975): nesta fase as decorações da cerâmica diferem, no que se refere aos sítios de campo aberto pela técnica de confecção acordelada e a existência de antiplástico areia fina ou farinhento. 3) Erveiras (MENTZ RIBEIRO & SILVEIRA, 1979): as diferenças estão no antiplástico areia fina e argilo-arenoso e na textura compacta e uniforme. O lítico difere quan-

to a forma. 4) Taquaruçu (MILLER, 1969). Nesta observam-se pequenas quantidades de cerâmica com decoração e principalmente, na ocorrência de alguns apêndices, sugerindo fragmentos de asas ou pezinhos, bem como diminutos pássaros. No lítico, a ocorrência nesta fase de afiadores em canaletas, furadores e trituradores. 5) Giruá (MILLER, 1969) e 6) Caí (MENTZ RIBEIRO, 1972). A cerâmica das casas subterrâneas, por apresentarem tipos decorados, assemelha-se mais a fase Giruá; já a fase Caí se aproxima das de campo aberto pela ausência de decoração. A fase Giruá apresenta o lítico semelhante a fase Guatambu diferindo, portanto, do nosso material. 7) Guabiju (MENTZ RIBEIRO & RIBEIRO, 1985): é esta a fase que mais se aproxima da nossa, tanto pelo seu material cerâmico quanto pelo lítico. A cerâmica desta fase se diferencia apenas pela presença do antiplástico argiloso em alguns fragmentos.

Quanto ao vasilhame encontrado no interior de uma das casas subterrâneas, nos indica pela sua forma, decoração e técnica de confecção ser típico de cerâmica da Tradição Tupiguarani. O antiplástico é arenoso com grãos de quartzo arredondados, porém sem grãos triturados. Textura frouxa e desagregação do engobe.

Nas escavações em Caxias do Sul, RS (SCHMITZ e outros, 1988), foi registrada a ocorrência de um vasilhame unglado regular Tupiguarani, emborcado, junto a uma casa subterrânea e no interior de uma depressão que poderia ser outra casa. Fragmentos de cerâmica, das duas Tradições em sítios de campo aberto, verificou-se na fase Erveiras (MENTZ RIBEIRO & SILVEIRA, 1979) e Itapiranga (BASILE BECKER & SCHMITZ, 1969). Ambos trabalhos concluem que este contato teria sido em período recente.

As datações da fase Guatambu variam de 1810 a 700 anos A.P. As da fase Guabiju estão entre 650 e 355 anos A.P. Como o material encontrado por nós assemelha-se muito a Guabiju e localiza-se dentro da área de dispersão da Guatambu, estimamos a idade dos nossos sítios, particularmente o das casas subterrâneas, em 600-700 anos A.P. (mais recente da Guatambu e mais antiga da Guabiju).

Consideramos a periodização da Guatambu relativamente extensa (140 a 1250 D.C.). Neste contínuo deve ter havido mudanças. Porém, os resultados sempre foram apresentados num todo, isto é, sem considerar o aspecto temporal. Desta forma, o material por nós estu-

dado poderia estar representando os períodos mais recentes da Guatambu. Isto leva a possibilidade de que pudéssemos estar diante de uma mesma fase, em virtude de expansão do grupo. Mas, na realidade, não dispomos de elementos para tanto.

O Alto Uruguai é alcançado pelo Tupiguarani há 1500 anos atrás. Porém, os deslocamentos para regiões periféricas daquela ou para outras regiões do Estado do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, próximas a área em estudo, só acontecem em períodos mais recentes. A forma exata do contato é ignorada. Os portadores da cerâmica Tupiguarani, em movimentos sazonais, do litoral marinho ou do vale do rio das Antas-Taquari ou Pelotas-Uruguai, iriam próximo ao planalto (área neutra) coletar pinhão (semente da *Araucaria angustifolia*) no início do inverno. Dos seus acampamentos abandonados, os grupos da Tradição Taquara levariam, então, os vasilhames. Por imitação, o vasilhame Tupiguarani poderia ter sido confeccionado por mulher(es) da Tradição Taquara. Outra hipótese é a(s) mulher(es) da Tradição Tupiguarani ter vindo viver (raptos ou casamentos exogâmicos) entre os portadores de material da Tradição Taquara e aí confeccionar o vasilhame conforme técnicas conhecidas por ela(s), utilizando o antiplástico existente no local. Estes contatos poderiam ter sido pacíficos ou belicosos. Não devemos ignorar a hipótese de comércio entre estes grupos. A utilização de um vasilhame pintado para cozimento (fuligem externa e encontrar-se numa fogueira) é estranho ao Tupiguarani.

A cerâmica simples foi a mais numerosa para sítios de campo aberto e a decorada para as casas subterrâneas, revelando provável diacronia.

ABSTRACT: *Archaeological excavations in Bom Jesus, RS.* — Survey was conducted in the basins of the Pelotas and Antas, which are headwaters of the Uruguai and Taquari rivers, between 49°50' and 50°40' W longitude and 28°30' to 28°50' S latitude. The climate is temperate, with frost and snow during winter. The characteristic vegetation is savanna and *Araucaria angustifolia* forest. Systematic surface collections were made at the open sites and the rock shelter. In a group of 4 pithouses, one was completely excavated and stratigraphic cuts were made in the others. The principal conclusions are: a) the sites represent the Guatambu Phase, but a more recent period than previously defined; b) the estimated antiquity is ca 700-600 years BP; c) there is evidence of contact with the Tupiguarani Tradition, but its nature is unknown.

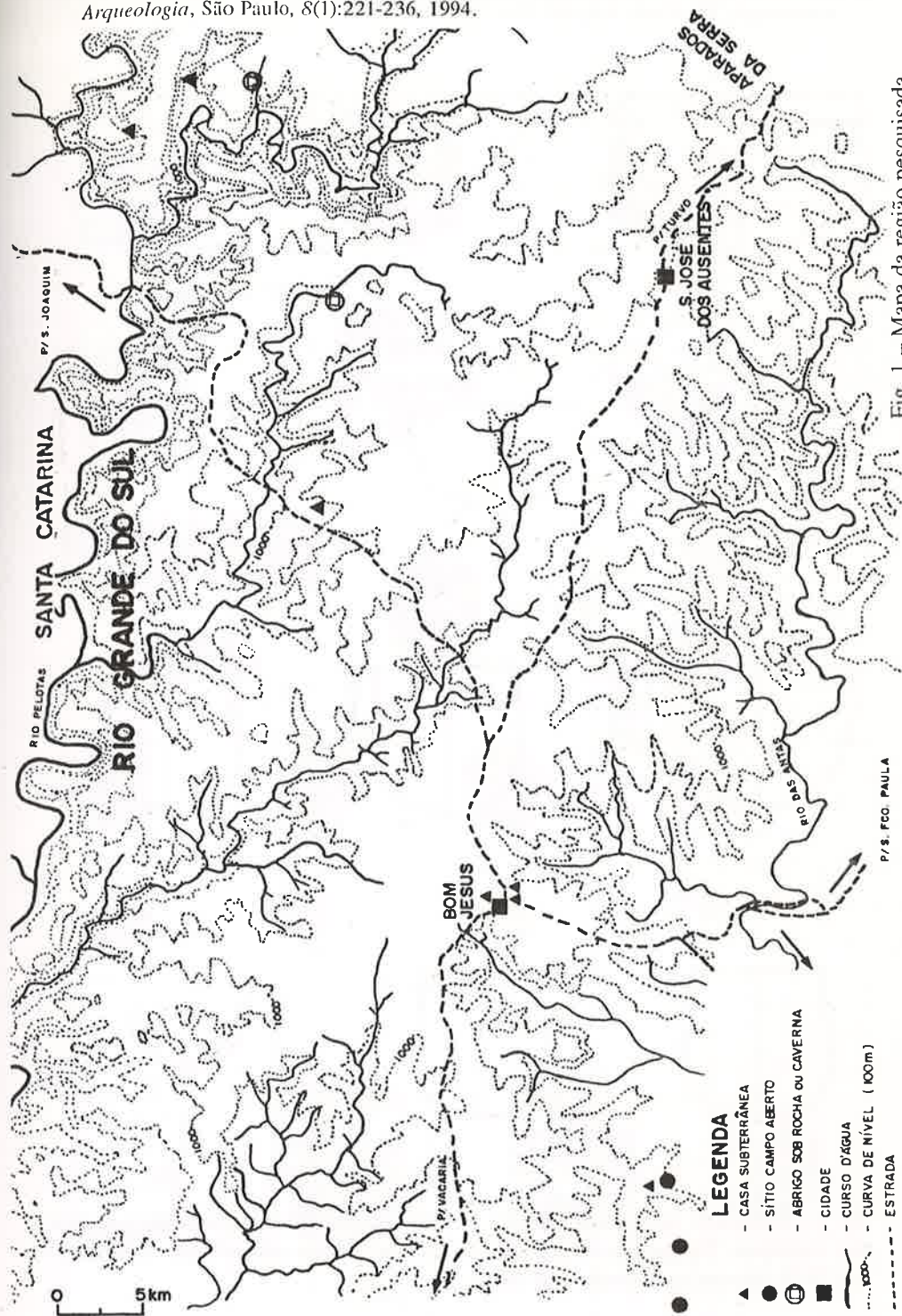


Fig. 1 - Mapa da região pesquisada.

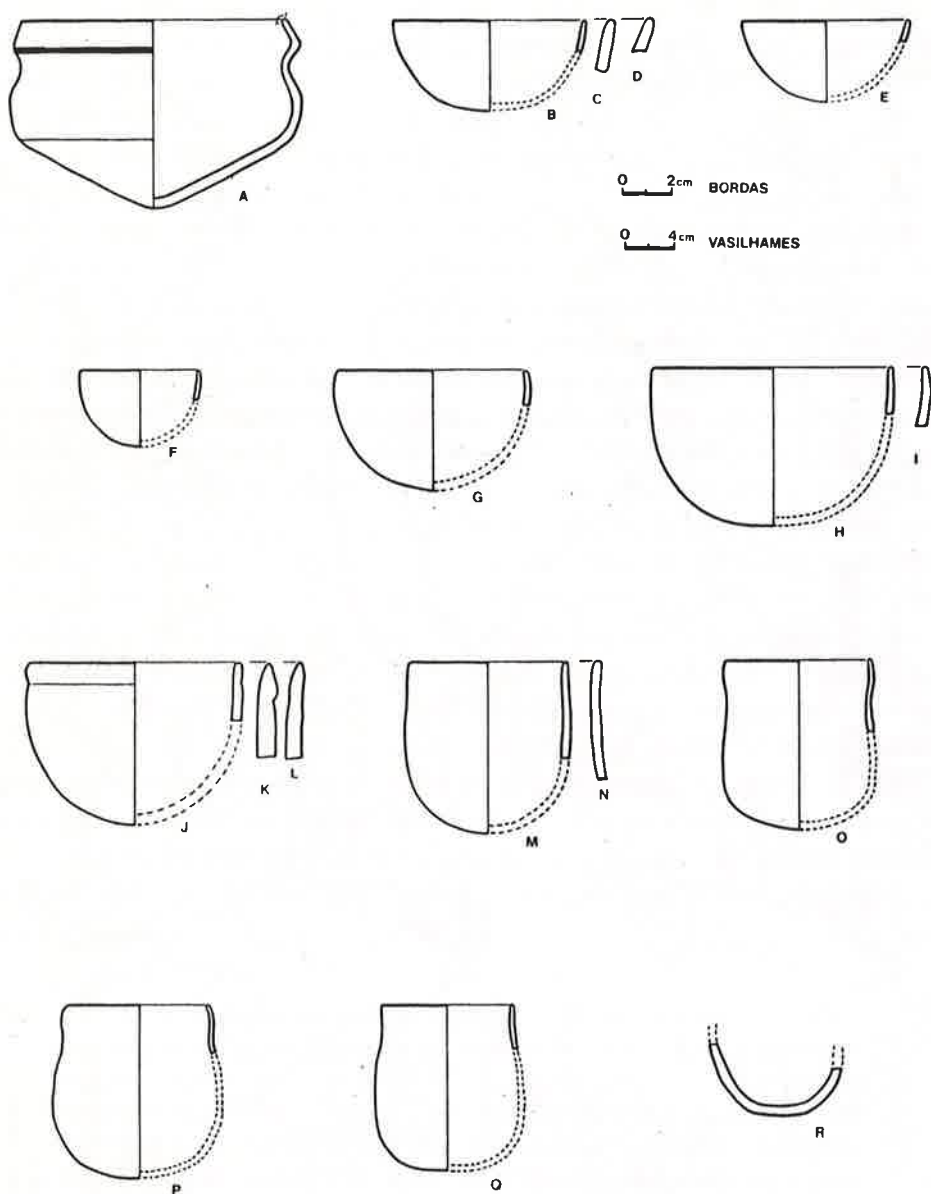


Fig. 2 – Formas de vasilhames e bordas da cerâmica dos sítios arqueológicos estudados: vasilhame Tupiguarani encontrado no interior de casa subterrânea: A; simples: B-J; N-Q; impressão de cestaria: K-M, R.



Referências bibliográficas

- HUECK, Kurt. 1972. *Carta da vegetação da América do Sul*. São Paulo, Instituto de Geografia, Universidade Federal de São Paulo.
- LAMING-EMPERAIRE, Annette. 1967. *Guia para o estudo das indústrias líticas da América do Sul*. Manuais de Arqueologia, Curitiba, Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas, Universidade Federal do Paraná, (2): 155.
- LAZZAROTTO, Danilo; SCHMITZ, Pedro Ignácio; BASILE BECKER, Ítala I. & STEINMETZ, Rolf. 1971. Pesquisas arqueológicas no Planalto. São Paulo, *O Homem Antigo na América*, Instituto de Pré-História, Universidade de São Paulo, p.79-89.
- MONTEIRO, Carlos Augusto F. 1962. "Clima". In: *Brasil*. Conselho Nacional de Geografia, Geografia do Brasil - Grande Região Sul. Rio de Janeiro, p.117-69.
- MENTZ RIBEIRO, Pedro Augusto & SILVEIRA, Ítela. 1979. Sítios arqueológicos da Tradição Taquára, fase Erveiras, no vale do rio Pardo, RS, Brasil. Nota Prévia. *Revista do CEPA*, Santa Cruz do Sul, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, (8): 3-59.
- MENTZ RIBEIRO, Pedro Augusto & RIBEIRO, Catharina Torrano. 1985. Levantamentos arqueológicos no município de Esmeralda, Rio Grande do Sul, Brasil. *Revista do CEPA*, Santa Cruz do Sul, Faculdades Integradas de Santa Cruz do Sul, 12 (14): 50-105.
- MILLER, Eurico Theófilo. 1967. Pesquisas arqueológicas efetuadas no nordeste do Rio Grande do Sul. Belém, *Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi*, 6: 15-38.
- . 1971. Pesquisas arqueológicas efetuadas no Planalto Meridional, Rio Grande do Sul (rios Uruguai, Pelotas e das Antas). Belém, *Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi*, 15: 37-70.
- SCHMITZ, Pedro Ignácio. 1988. As Tradições ceramistas do Planalto sul-brasileiro. São Leopoldo, Instituto Anchietano de Pesquisas, p. 75-130. (*Documentos*, 02).
- SCHMITZ, Pedro Ignácio; BASILE BECKER, Ítala I.; LA SALVIA, Fernando; LAZZAROTTO, Danilo & MENTZ RIBEIRO, Pedro Augusto. 1988. Pesquisas sobre a Tradição Taquara no nordeste do Rio Grande do Sul. São Leopoldo, Instituto Anchietano de Pesquisas, p.5-74. (*Documentos*, 02).
- SHEPARD, Anna O. 1968. *Ceramics for the Archaeologist*. Washington, Carnegie Institution of Washington, 609: 414p.
- TERMINOLOGIA ARQUEOLÓGICA BRASILEIRA PARA A CERÂMICA*. 1966. Manuais de Arqueologia, Curitiba, Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas, Universidade Federal do Paraná, 1: 22.

Fig. 3 – Material lítico, cerâmico e madeira dos sítios arqueológicos estudados. Material lítico proveniente de casa subterrânea: E; G-I, T-W; cerâmica proveniente de casa subterrânea: L-S; madeira (nó-de-pinho e ponta) proveniente de casa subterrânea: J, K.

Talhador semicircular: A-C; raspador semicircular: D; talhador triangular: E; talhador-raspador circular: F; peça de uso desconhecido (polida): G; percutor: H; batedor: I; talhador reto: T; raspador lateral: U; talhador-raspador elíptico: V; raspador terminal: W; ponta: J; nó-de-pinho: K; cestaria impressa: L, N, P-R; unzulada: M, O; simples: S;